

AS ESCRITAS EQUILIBRISTAS DE MULHERES PLURAIS EM OFICINAS COM ARTE

THE WRITINGS EQUILIBRISTS OF PLURAL WOMEN IN WORKSHOPS WITH ART

LAS ESCRITURAS EQUILIBRISTAS DE MUJERES PLURALES EN TALLERES CON ARTE

Vanessa Cristina Scaringi¹

Fabiana Rosa Vilela de Oliveira Guilherme²

Resumo: Sabe-se que as artes, através de suas técnicas, desenvolvem caminhos de liberação do movimento, da criatividade e da sensibilidade para a linguagem expressiva do corpo, privilegiando particularidades e singularidades de cada pessoa. Em virtude disto, este trabalho traz relatos de ações ocorridas em um espaço de experimentações sensíveis por entre/nas artes e suas diferentes linguagens, como a dança e a poesia, com vistas a ampliar as narrativas de si na escrita, considerando as experiências e vivências de cada mulher participante. Para tanto, foram desenvolvidas oficinas com mulheres na faixa etária de 18 a 45 anos, dentre elas universitárias de cursos de graduação e pós-graduação da área da educação e/ou arte bem como funcionárias, professoras, coordenadoras e diretoras de escola. As oficinas foram aplicadas em diferentes instituições de ensino, do básico ao superior, apresentando o mesmo cronograma de atividades. Isso possibilitou a produção de diversas escritas feitas pelas mulheres participantes nas quais relataram as suas angústias, medos, desejos, sonhos, culminando no lançamento de um livro de poesias. Por fim, as oficinas demonstraram que, narrar-se por entre movimentos dançantes e poéticos possibilitou formas outras de encontrar-se, de estar com/para o outro, partilhar, vivenciando pluralidades.

Palavras-chave: Poética da dança; escritas de si; mulheres.

Abstract: It is known that the arts, through their techniques, develop paths of liberation of movement, creativity and sensitivity to the expressive language of the body, privileging particularities and singularities of each person. By virtue of this, this work brings reports of actions that occurred in a space of sensitive experimentations for between/in the arts and their different languages, such as dance and poetry, with a view to amplify the narratives themselves in writing, considering the experiences and experiences of each participating woman. For this, workshops were developed with women aged 18 to 45 years, among them university students of undergraduate and graduate courses in the area of education and/or art as well as employees, teachers, coordinators and school directors. The workshops were applied in different educational institutions, from basic to higher, presenting the same schedule of activities. This made possible the production of several writings made by the participating women in which they reported their anguish, fears, desires, dreams, culminating in the release of a book of poetry. Finally, the workshops demonstrated that narrating among dance and poetic movements made possible other ways of meeting, of being with/for each other, sharing, experiencing pluralities.

Keywords: Poetics of dance; self-writing; women.

Resumen: Se sabe que las artes, por medio de sus técnicas, desarrollan caminos de liberación del movimiento, de la creatividad y de la sensibilidad para el lenguaje expresivo del cuerpo, privilegiando particularidades y singularidades de cada persona. En virtud de esto, este trabajo trae

¹ UNESP Araraquara.

² UNESP Rio Claro.

relatos de acciones ocurridas en un espacio de experimentaciones sensibles por entre/en las artes y sus diferentes lenguajes, como la danza y la poesía, con vistas a ampliar las narrativas de sí en la escritura, considerando las experiencias y vivencias de cada mujer participante. Para ello, se desarrollaron talleres con mujeres en la franja etaria de 18 a 45 años, entre ellas universitarias de cursos de graduación y posgrado del área de la educación y/o arte así como empleadas, maestras, coordinadoras y directoras de escuela. Los talleres se aplicaron en diferentes instituciones educativas, de básico a superior, presentando el mismo cronograma de actividades. Esto permitió la producción de diversas escrituras hechas por las mujeres participantes en las cuales relataron sus angustias, miedos, deseos, sueños, culminando en el lanzamiento de un libro de poesías. Finalmente, los talleres demostraron que, narrarse entre movimientos danzantes y poéticos permitió otras formas de encontrarse, de estar con/para el otro, compartir, vivenciando pluralidades.

Palabras clave: Poética de la danza; escritas de sí; mujeres.

Introdução

*A menina dança sozinha
por um momento.*

*A menina dança sozinha com o vento, com o ar,
com o sonho de olhos imensos...*

*A forma grácil de suas pernas
ele é que as plasma, o seu par
de ar, de vento,
o seu par fantasma...*

*Menina de olhos imensos,
tu, agora, paras, mas a mão ainda erguida
segura ainda no ar
o hastil invisível deste poema!*
Mario Quintana (1998)³

Sabemos que as artes, através de suas técnicas, desenvolvem caminhos de liberação do movimento, da criatividade e da sensibilidade para a linguagem expressiva do corpo, privilegiando particularidades e singularidades de cada pessoa. Como desenvolver caminhos de liberação do movimento, da criatividade e da sensibilidade sem contar com a subjetividade das experiências em suas experimentações sensíveis?

Procurando respostas a essa inquietação, foi assim que, durante nossa formação como pesquisadoras no Mestrado, pensando além dos estudos acordados com o curso *stricto sensu*, lançamos um *blog* [atualmente com mais de 94.000 visualizações] intitulado Terceiro Acto⁴ (2010) para interação com o público, também de forma virtual, com conteúdo voltado às artes. Propomos apresentar esse trabalho de pesquisa e criação artística, fomentando a dialogia entre teoria e prática através do estudo, das vivências e da reflexão sobre o papel da arte da dança e outras linguagens, inclusive a escrita poética, as quais acompanham a sociedade contemporânea e nos propicia reflexões sobre essas perspectivas.

Neste sentido, a intenção dessas reflexões foi ao encontro da “relação dialógica” a qual Bakhtin (1997, p. 346) descreve como “uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados

³ Nariz de vidro. 16. ed. São Paulo: Moderna Editora, 1998.

⁴ TERCEIRO ACTO – Pesquisa e Criação Artística Blog. Disponível em: <https://terceiroactoooficial.blogspot.com>.

na comunicação verbal”, compreendendo o monólogo como “réplica de um grande diálogo”. A cada expressão de si, vinha a partilha com o outro, inclusive o próprio lançamento do *blog*.

Posto isso, o presente trabalho trará, no decorrer dessas nossas escritas, parte dessas reflexões decorrentes da aplicação de um conjunto de oficinas de escrita com arte em um espaço de experimentações sensíveis por entre a dança e a poesia com vistas a ampliar as narrativas de si, considerando as experiências e vivências de cada participante, sob a ótica de teóricos como Larossa (2002) e Foucault (2006), utilizando-nos do “indiciarismo” (GINZBURG, 1989) como procedimento para uma microanálise das “pistas, indícios e sinais”.

Mais precisamente, nas palavras de Volp (2010, p. 217),

a dança é uma manifestação humana comum a todas as culturas em todos os tempos. Basta observarmos algumas destas manifestações para nos darmos conta da riqueza das informações que elas transmitem sobre suas culturas de origem, sobre os aspectos primordiais da época em que foram criadas, sobre os atores que delas participam, enfim, como elas ‘falam’ e ‘retratam’ homens, mulheres, crianças, seus grupos e interações entre si e com experiências vividas.

Do mesmo modo, está a arte da poesia, caminhando ritmicamente junto à dança com a finalidade de provocar em si e no outro ou ainda com o outro uma verdadeira composição lírica de sentimentos e emoções, de fato, proporcionando um momento de partilha.

Neste sentido, o conjunto de oficinas propostas foram ministradas em três diferentes instituições de ensino, envolvendo uma escola pública de ensino fundamental, uma universidade pública e uma universidade privada, sem fins lucrativos, apenas de interação e pesquisa. As oficinas fizeram parte do cronograma de congresso acadêmico, semana de estudo e Horas de Trabalho Coletivo (HTPC) ofertadas por essas instituições.

Dessa forma, participaram desses momentos, por livre interesse e consentimento, cerca de 70 mulheres na faixa etária de 18 a 45 anos. Compuseram-se em grupos de estudantes universitárias do curso de Pedagogia ou pós-graduação na área da educação e/ou arte e de profissionais atuantes na educação, integrando funcionárias, professoras, coordenadoras e diretoras de escola. As oficinas incluíram o mesmo cronograma com mesa para café e apresentação da parte teórica com uso de *data-show*, leituras de poesias retiradas de caixa surpresa, leitura musical e ensaio de coreografias no estilo circulares, pausa para preenchimento de questionários de identificação e avaliação, registros de poesias individuais, coreografia para relaxamento e despedida.

Desenvolvimento

Em *A Escrita de Si*, Foucault (2006) reflete sobre a individualidade e o movimento interior que transparece nas escritas, remetendo-se à Antiguidade greco-romana. Durante este período histórico, os chamados “ascetas” se dedicavam à escrita para o exercício do pensamento. Isto demonstrava o “cuidado de si” que mantinham sobre os seus próprios corpos e atos de modo a manter a boa saúde e uma forma estética de existência.

Desta forma, o exercício da escrita era “compreendido como um treino de si por si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 146) que permitia “aprender sobre a arte de viver”, desenvolvendo habilidades para o autoconhecimento, trazendo à memória experiências já vividas e possibilitando a “releitura” dessas vivências. Da mesma forma que é preciso desenvolver técnica na dança, assim acontece na escrita de modo a aprimorar a aptidão através de exercícios práticos e criativos. Então, “escrever para si” comporta na “escuta do outro”. Trata-se de incorporar dois movimentos: “linear” que acontece em meio a meditações, silêncios, abstinências e “circular” o qual permite releituras de discursos recebidos.

Mediante a técnica, Foucault (2006) cita a “função etopoiética”, de Plutarco. A escrita é tida como treino de si e operador na transformação da verdade em *ethos*, ou seja, na conduta relacionada aos costumes. E isso se dá através de duas formas:

7. “Hypomnemata”: um retorno ao passado que constitui uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas (caderno de notas, livros de contabilidade, agenda etc.), importante veículo de subjetivação do discurso pelo valor que se atribui ao já dito; faz-se para os solitários, mantendo a ordem dos movimentos internos da alma no exercício da escrita.
8. “Correspondência”: serve de matéria-prima para textos que se enviam aos outros (cartas), maneiras de armar o escritor, prestar serviço ao correspondente e eventualmente a terceiros.

Parafraseando a epígrafe deste artigo, da menina que dança sozinha e traz como guia as suas pernas que, aos olhos do sensível poeta a conduzem pelos ventos, pelo ar, pelos sonhos, surge a menina que escreve por entre coisas lidas, ouvidas, sentidas dessa dança que, no encontro com o outro, transforma a sua vida em poema.

No movimento de escrita poética da dança, dinamiza-se a história do sujeito naquilo que lhe toca, que lhe mobiliza a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação, como acentua Larossa (2002).

Para o referido autor, a experiência está em como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, nomeamos o que vemos, ou o que sentimos, e de como vemos ou sentimos o que nomeamos, pois, é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. “Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum” (p. 21), mas a experiência é singular, é um saber subjetivo, particular, relativo, contingente, pessoal, é o próprio acontecimento.

Então, quem é esse sujeito da experiência? Quem se lança na escrita de si?

O sujeito da experiência é, para Larossa (2002), um espaço onde têm lugar os acontecimentos. Porém, ao narrar-se já não é mais a experiência vivida, mas um relato, inserindo novos sentimentos às impressões referentes àquela experiência qual lhes passou (atravessou).

Só para ilustrar, Carlos Drummond de Andrade em *Infância* (1962, p. 83) exemplifica a escrita de um narrador que, em versos, relata suas belas experiências em uma etapa de sua vida, que certamente lhe provocara sentimentos únicos:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusó,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

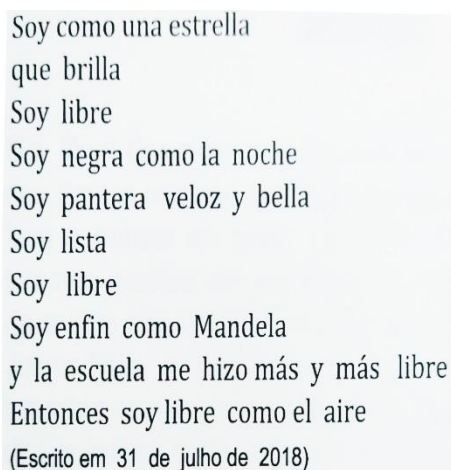
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
– Psiu... Não acorde o menino.

Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoe.

Ao tentar propiciar momentos de experimentações sensíveis [quicá, tão intensas como essas que remetem a Carlos Drummond], de danças e escritas de si, tivemos um retorno significativo e marcante das reflexões das participantes das oficinas.

Entre vários encontros das oficinas, trouxemos o relato e a produção de uma das integrantes de um dos encontros nas dependências da UNESP/Rio Claro, em que ficou evidenciada em suas falas as marcas da oficina que levou para a vida, que a “estimulou através de uma oficina a refletir com poesia”, culminando no lançamento posterior de um livro de poemas bilíngue português-espanhol (figura 1) e no relato marcante, dito durante a oficina, de que “são tantas mulheres aqui, algumas com a minha idade e com vivências tão diferentes, estou repensando a minha vida!”.



Soy como una estrella
que brilla
Soy libre
Soy negra como la noche
Soy pantera veloz y bella
Soy lista
Soy libre
Soy enfin como Mandela
y la escuela me hizo más y más libre
Entonces soy libre como el aire
(Escrito em 31 de julho de 2018)

Figura 1: Trecho do livro de uma das participantes – Fonte: Arquivo pessoal

Visando desenvolver didáticas pedagógicas voltadas à sensibilidade artística no intuito de incentivar estudantes universitárias e profissionais da educação e/ou arte a usarem linguagens artísticas em sala de aula, tivemos, com o ciclo de oficinas, a oportunidade de dialogar com professoras da Educação Básica e universitárias/estagiárias de cursos de licenciatura ou pós-graduação em Pedagogia e/ou Arte (tendo essas participantes, ou não, habilidades em alguma modalidade artística: especialmente dança e escrita de poemas) de modo a estimular habilidades e competências baseadas em conhecimentos que formam profissionais mais participativos e atuantes.

Na modalidade presencial, o curso propiciou às participantes aprofundarem-se no conteúdo por bibliografia sugerida nos encontros, contando com interações entre os pares para orientá-los e provocarem-lhes inquietações. Destarte, essas oportunidades de vivenciar em si e com/para o outro, vão ao encontro do que Rancière (2005, p. 15) denomina como lugares e espaços comuns dos quais se partilha o sensível, fixando, “ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas”. Assim, cada oficina contou com a mesma organização, dividindo-se em três momentos:

- 1. Apresentação:** oportunidade de colocarmos as finalidades do nosso projeto Terceiro Acto, cadastrado aos Artistas e Fazedores Culturais da UNESP, *campus* de Rio Claro e expormos

o principal motivo do oferecimento do minicurso: a carência do sensível na sociedade como também nas escolas, em atividades artísticas, pela ausência constante de exercícios sinestésicos: ouvir, cheirar, tocar, experienciar a si mesmo e as trocas com o outro, elencando todas as nossas singularidades e diferenças.

2. **Convite à experiência:** momento em que foi possível o trabalho dos elementos (corpo, força, espaço e tempo), descritos em etapas.

Passo 1: apreciação de letra musical e croqui da dança circular;

Passo 2: ensaio dos passos coreográficos, individualmente;

Passo 3: ensaio dos passos em conjunto, numa grande roda;

Passo 4: descalças, após passarmos uma caixa surpresa repleta de poemas impressos de variados temas/autores e autoras, cada participante compartilhou o poema que retirou da caixa. Conforme acabavam a leitura, colocavam o papel no centro da roda (figura 2), próximo à vela, para compô-lo. Nas danças circulares, é de práxis um centro. Essa linguagem dançante, traz da sua origem medieval, pessoas compartilhando, de mãos dadas com passos ligeiros e saltitantes, o movimento cíclico da vida sobre à Terra.

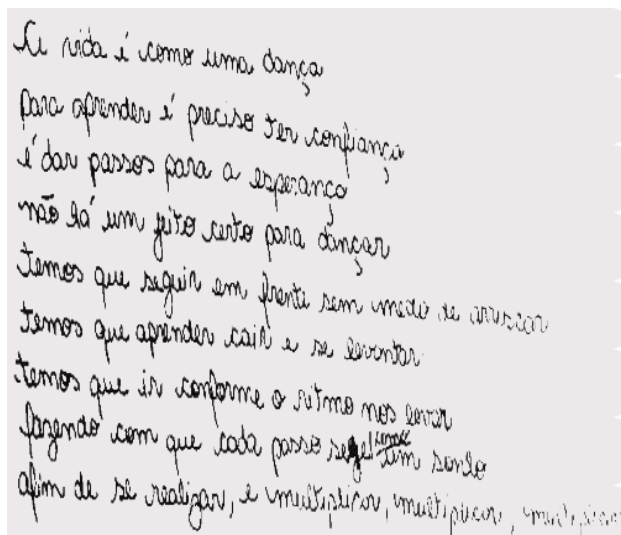


Figura 2: Centro para as danças, montado durante as oficinas – Fonte: Arquivo pessoal

Passo 5: tendo o centro marcado por um elemento como ponto para o sentido da espiral, acendíamos uma vela e iniciávamos a dança circular, sem pausas;

Passo 6: ao término, as convidávamos a escreverem de si.

À proporção que acontecem as danças circulares, Wosien (2002, p. 16) explicita que “no círculo, como imagem espelhada do Universo, as contradições estão suprimidas e toda potência está contida. Início e fim coincidem nele, seu centro é o colo do mundo”. Diante deste momento da potência de sentidos, cada participante pôde escrever sobre as suas experiências. Estas escritas foram compartilhadas e expostas (figuras 3):



*Rodar, viver essa ciranda
Entrar na roda
Viver à margem
Laçar corações
Não posso querer pouco
Não me seduz sobreviver
Quero viver o novo
Mais que isso, quero viver...*

Figuras 3: Fragmentos das escritas das participantes – Fonte: Arquivo pessoal

- 3. Avaliação:** com a finalidade de refletir e reforçar a aprendizagem, ao final das oficinas, alguns pontos foram levantados pelas participantes como a importância de unir prática e teoria para deixar o curso mais prazeroso; apresentar a oficina como proposta de disciplina para um curso de Pedagogia; a junção da dança com a escrita para o trabalho que possibilita a participação efetiva das crianças nas atividades escolares.

Mediante orientação do “indiciarismo” (GINZBURG, 1989), perante a observação das atitudes e comportamentos durante as oficinas e a análise posterior das escritas individuais, os resultados obtidos evidenciaram que as mulheres participantes narraram as suas angústias, os desprazeres como também os seus sonhos e objetivos futuros, tudo aquilo que lhes toca e as fazem se reconstruir perante as adversidades seja por interferência da religião, dos costumes e exigências familiares ou da etnia.

E ao nos lançar neste caminhar, pudemos sentir “pelas plantas dos pés” (LISPECTOR, 2005) que contamos com delicados passos, porém voluptuosos, rumo às incertezas do saber quem somos, como dançamos, escrevemos, relacionamos, vivemos... e esperamos que aquelas que puderam estar conosco, no desenvolvimento deste trabalho, tenham sido provocadas e tocadas pelos movimentos e sentimentos que a dança e o poema provocam em cada uma, no (re)conhecimento de si.

Considerações finais

Ao narrar-se em dança e poema as participantes revelaram-se como artistas de uma obra de arte criada pela experimentação do movimento do corpo de um aspecto global e também “pincelar”, quando no trabalho das mãos, durante a escrita, além do resgate das lembranças de emoções vividas, de experiências que foram particulares, reveladas nas “escritas de si”.

Observar essas revelações nos proporcionou outras e novas experiências que, certamente, iremos nos reportar em diversos momentos de nossas vivências acadêmicas e também pessoais, por que não?

Buscamos, com este trabalho, focalizar na linguagem (corporal e escrita) um caminho que nos mostra apropriado para a liberação de experiências e vivências, partilhando sensibilidades também na escuta do outro.

Por fim, as escritas dessas mulheres plurais se apoiaram nas estimulações por entre as letras musicais, os movimentos dançantes e a leitura dos poemas; equilibraram as suas escritas em sentimentos ali postos.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. A. F. Cascais e E. Cordeiro. Lisboa/Portugal: Vega, 2006. p. 129-160.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Trad. J. W. Geraldí, n. 19, p. 20-28, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. M. C. Netto. São Paulo: EXO Experimental org.; Ed. 34, 2005.

VOLP, Catia Mary. A dança de salão como um dos conteúdos de dança na escola. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 215-220, 2010.

WOSIEN, Maria-Gabriele. *Dança sagrada: deuses, mitos e ciclos*. São Paulo: Triom, 2002.

Sobre as autoras

Vanessa Cristina Scaringi. doutoranda em Educação Escolar pela UNESP, campus Araraquara/SP, Mestra em Educação e Pedagoga pela UNESP, campus Rio Claro/SP. Tem especialização em Educação Especial pelo Centro Universitário Claretiano (Batatais/SP), especialização em Metodologia do Ensino de Artes pela UNINTER (Curitiba/PR). É professora na rede pública de ensino rio-clarense, membra do Núcleo de Estudos da Sexualidade da UNESP (Araraquara/SP), coordenadora do projeto Terceiro Acto – Pesquisa e Criação Artística, artista da dança no Núcleo Tendões (Limeira/SP) e filiada à Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA.

E-mail: vc.scaringi@unesp.br.

Fabiana Rosa Vilela de Oliveira Guilherme. doutoranda em Educação pela UNESP, campus Rio Claro/SP, Mestra e Pedagoga pela UNESP, campus Rio Claro/SP. Tem especialização em Psicopedagogia no Processo de Ensino e Aprendizagem pelo Centro Universitário Claretiano (Rio Claro/SP). É diretora de escola substituta na rede pública de ensino rio-clarense, integrante

do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização “Raios de Sol” da UNESP (Rio Claro/SP) e parceira nas andanças dançantes das oficinas do projeto Terceiro Acto – Pesquisa e Criação Artística, fazendo parte da equipe como pesquisadora convidada.

E-mail: fabiana.v.guilherme@unesp.br.